

# (Ab)usos e costumes nos estudos e pesquisas sobre a sexualidade humana: uma (auto)crítica epistemológica 3

---

Renato Paiva Carvalho

## SINOPSE

O presente texto propõe-se a discutir alguns usos e costumes presentes em estudos e pesquisas envolvendo a sexualidade humana, no que concerne a conceitos que embutem uma apreciação valorativa da atividade sexual de grupos historicamente discriminados. Os investigadores científicos, cuja seriedade é inquestionável, acabam inadvertidamente cometendo arbitrariedades conceituais que atingem sobretudo a autonomia sexual e a cidadania das pessoas sob sua análise. Este texto apresenta alguns desses conceitos e discute porque de um uso assentado sobre certos costumes, eles se transformam em abusos.

## **(AB)USOS E COSTUMES NOS ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA: UMA (AUTO)CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA**

A revista semanal *Isto é* de número 1320, do dia 18 de janeiro deste ano, anunciou na sua capa o que ela denominou de Sexo Tropical, com o seguinte subtítulo: *Ilusões e desilusões das brasileiras que atraem turistas e sonham com um “Príncipe” Europeu*. A reportagem focaliza o que eles denominaram de *Cinderelas das areias*, título considerado apropriado para

---

\* Psicólogo e Psicoterapeuta.  
Recebido em 27.03.95

Aprovado em 12.04.95.

designar moças que oferecem sexo, mas não apenas isso, em troca de um possível casamento com homens europeus que as retirem da vida economicamente difícil que têm em regiões pobres do Brasil, sobretudo do Nordeste, que atraem também pelas belas praias os chamados *Turista Sexuais*.

São moças que, segundo o italiano Roberto Lourenço, mecânico de caminhão em Roma, de 32 anos, que desde 1991 vem ao Recife e ainda não conhece se quer a próxima e histórica cidade de Olinda e nos visita “só por causa das mulheres”, são “novas, carinhosas, quentes e submissas” (pág. 38).

A reportagem foi conduzida pelo experiente editor de Política, Mário Simas Filho, significando para ele uma espécie de “férias da política. Reportagens como essa adquirem o status de pesquisa científica, principalmente, como ocorreu neste caso, quando contradizem os pressupostos que inicialmente orientavam o investigador. *“Como diz Simas, esse mergulho tão qual ele esperava encontrar uma estrutura sofisticada de agendamento das garotas e alguns mafiosos com contatos internacionais, acabou numa sessão de surpresas. Simas descobriu um melancólico toque romântico na aproximação entre moças brasileiras e excitados viajantes que atravessava o Atlântico para encontrar sexo ao sol nas praias do Nordeste. Tudo a preços módicos. Um toque romântico que não esconde a realidade cruel que leva uma menina da periferia a se prostituir não mais por dinheiro, mas em troca de um sonho de Cinderela: encontra o “príncipe” que as leve para longe da miséria do seu cotidiano”* (pág. 13, da Redação).

Prostituta ou Cinderela? Como conceituar essas garotas? Esta deve ter sido, sem dúvida, a grande preocupação do Jornalista, que foi em busca da primeira e acabou encontrando a segunda.

De um exclusivo ponto de vista socioeconômico elas se encontram na primeira definição, mas de um ponto de vista psico-social, estão na segunda. A opção do jornalista pelo segundo conceito também se justificaria medida em que a prostituição dessas garotas parece ser um objetivo circunstancial e transitório, tendo no sonho de Cinderela o objetivo concreto e definitivo, como nos informa a atual “namorada de verão” do italiano Lourenço, Jane, de 20 anos, que só cursou a primeira série escolar a nasceu no ironicamente deriominado “Jardim São Paulo”, um bairro pobre da periferia de Recife. Estuprada pelo pai aos 13 anos e prostituta desde os 16 “ela tem um sonho: *‘Um dia vou encontrar um homem de olhos azuis. Casarei na Europa onde os pais não costumam espancar os filhos. Terei minha casa grande, com um bonito jardim e três filhos. Poderei ali, mandar dinheiro para ajudar minha família.*” (pág. 38). Faturando cerca de R\$ 400 por mês como prostituta, ela se recusa a ser empregada doméstica, pois supõe queira ganhar salário mínimo e ainda transar de graça com o patrão, normalmente, segundo ela, “um velho gordo e pelanquento” (pág. 40), bem

distante do tipo físico de seu atual “namorado” italiano, com quem fez pose sensual para a foto da revista.

Jane ainda não parece ter a frieza da cearense Edna Ramos, de 22 anos, que conheceu no dia 2 de dezembro do ano passado, em Recife, um suíço chamado Jean Paul, vendedor de peças para trator, talvez a leve consigo para seu país. “*O pior que pode acontecer é eu virar puta na suíça. Pelo menos vou ganhar alguma coisa. No Brasil, não ganho nada nem tenho como ganhar*” (pág- 42).

Ao escolher o conceito de “cinderela das areias” para definir e qualificar essas moças, o jornalista não se atêve apenas ao universo socio-econômico no qual elas se encontram, apresentando-nos uma visão psico-social “mais romântica a menos profissional”. “*As garotas da praia ganham com seus dotes físicos, mas são motivadas muito mais pela ilusão de casar e sair do País do que pelo dinheiro, embora transem para ter o que comer*” (pág. 38).

Supõe-se que, como profissionais, elas estariam preocupadas apenas com o dinheiro, mas como querem se casar, então são românticas. Elas, pelo visto, não podem ser profissionais a românticas ao mesmo tempo. O que nos perguntamos, no entanto, é se existe realmente incompatibilidade em se querer simultaneamente melhorar financeiramente de vida a usufruir uma paixão? Afinal de contas, é isso o que todo profissional bem sucedido deseja. Por que é que com as prostitutas seria diferente?

Muitos relatos nós, sugerem que as prostitutas vivem casos amorosos intensos, sem deixar de continuar na profissão. Algumas se apaixonam pelos gigolôs, outras, lésbicas, se apaixonam por colegas de trabalho. Este último caso é o mais significativo para que possamos discriminar uma coisa da outra, já que lésbica não tem nenhuma propensão a se apaixonar pelos homens com quem transa.

O que para nós, no entanto, é sempre difícil admitir é o grau de autonomia de uma prostituta. O interesse financeiro de muitas pessoas, antes e além de qualquer consideração em torno da sua origem e moralidade, indica um forte desejo de autonomia. As aparentes ingênuas historinhas infantis e novelas românticas, que sempre terminam com seus personagens rico” e felizes, que o digam. O conceito de cidadania passa também necessariamente por uma melhor e mais justa distribuição e/ou aquisição de renda. O cidadão não é apenas o indivíduo que participa, num sentido afetivo, da solução de Problemas comunitários, pois o fazer pressupõe o poder e este se assenta na compreensão que cada um tem da sua realidade e dos meios de que dispõe para alterá-la. Nesse sentido, quem se propõe, por exemplo, a ajudar moças “iludidas” como essas, tem que primeiro compreender que a ajuda que, em princípio, elas esperam obter é tudo o que as conduza à vida no exterior com seus “príncipes”.

As cinderelas das areias talvez não tenham, afinal, a mesma ingenuidade da personagem que lhes deu o título, mas conceituá-las dessa maneira é interessante de um certo ponto de vista, pois não as responsabiliza por atos considerados impróprios para uma verdadeira cidadã da nossa sociedade. Se o jornalista não encontrou a moça pobre, oprimida e explorada como esperava, encontrou, segundo supõe, a moça pobre, ingênua e sonhadora, vivendo seus “*Sonhos de verão*”, como intitulou a matéria dentro da revista. Talvez mais do que exatamente “submissas”, como supõe o italiano Lourenço, essas moças corajosas estejam numa briga de vida ou morte na busca, em última instância, da autonomia e reconhecimento que a região e o país em que vivem insistem em lhes negar ou não lhes dar acesso.

Esse mesmo com apresentado nessa reportagem é muito comum no raciocínio de muitos e excelentes pesquisadores e estudiosos da sexualidade humana e da prostituição. Um conceito sempre revelador disso é considerar a prostituição como “a profissão mais antiga do mundo”. A que tipo de raciocínio serve considerá-la assim? Certamente aquele que a toma como algo dado, quase natural, ou um dos assim chamados males necessários. Enquanto atividade tipicamente comercial, a prostituição talvez seja um fenômeno muito mais recente do que imaginamos, perfeitamente enquadrado na sociedade de consumo como a que temos. Ela não existe, por exemplo, entre os povos primitivos de diversas partes do mundo, nos quais uma autêntica atividade comercial ainda não se instalou. Nem haveria porque existir, mesmo nos assim considerados de estrutura matriarcal ou, mais propriamente, matrilinear, a submissão das mulheres é considerável em quase todos os sentidos, não havendo porque pagar por algo que se obtém por obrigação ou pela força. O fato de Jane ter sido estuprada pelo pai aos 13 anos talvez não nos explique necessariamente sua opção aos 16 pela prostituição, mas certamente nos demonstra o quanto nossa sociedade ainda convive com esse domínio do homem sobre a mulher, independentemente do grau de parentesco entre eles.

A prostituição, não só, é historicamente recente, como também decorre e é controlada até hoje, em grande parte, por homens que se utilizam dela, tanto do ponto de vista exclusivamente sexual, como financeiro uma sociedade falocêntrica, como corretamente os estudiosos e pesquisadores consideram a nossa. Não admitiria uma atividade feminina lucrativa e independente.

O falocentrismo, no entanto, pode se apresentar embutido em reportagens como a que citamos, pois o fundamento dele é o de não dar autonomia as mulheres seja em que circunstância for. O conto infantil da Cinderela é tacitamente falocêntrico, de modo que o uso de um conceito daí retirado pode se apresentar nos mesmos termos, embora as moças conotas como “cinderelas” estejam muito distante da busca que empreendem por autonomia da, esta sim, submissa personagem infantil.

A remuneração em troca de sexo, se por um lado ocorre a partir das próprias demandas falocêntricas masculinas, por outro representa uma condição de maior autonomia e liberdade pessoal em momentos históricos em que a opressão da dona-de-casa era completa. Não é à toa que hoje as mulheres se esforçam em se distanciar desta e se aproximar daquela em busca de uma maior autonomia.

Na edição especial da revista *Veja* dedicada às mulheres diz-se que, “à sua maneira, cada uma aponta resposta a uma célebre e obtusa indagação formulada por Sigmund Freud. ‘A grande questão que nunca foi respondida e que eu não posso responder apesar de meus trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina é - o que quer uma mulher afinal?’, matutava o psicanalista vienense na mesma época em que os americanos adquiririam o direito ao voto e que um novo produto causava sensação nos Estados Unidos - o absorvente feminino descartável. Não tivesse morrido em 1939, até mesmo Freud já teria percebido o básico: a mulher quer que a sociedade reestude seus mecanismos de forma a obrigá-la por inteiro, em suas múltiplas capacidades” (agosto/setembro de 1994, pág. 5).

Freud talvez não tenha conseguido, nos seus alegados trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina, responder o que quer uma mulher, provavelmente por que sua teoria encontrou sobre tudo uma sexualidade falocentrada. O que certamente lhe serve de atenuante é que uma Grande soma de bons(as) pesquisadores(as) em diversas áreas do conhecimento costumam abordar a sexualidade em função dos usos e costumes do falocentrismo, transformando em abuso tal análise. Falamos em abuso, porque a autonomia das pessoas não é respeitada, o que caracteriza abuso de poder, mesmo quando o intuito é denunciar o próprio falocentrismo, por incrível que pareça. Foi essa de certa forma, a surpresa do jornalista, embora ainda assim, ele tenha mantido uma atitude de crítica condescendente ao trazer o termo prostituta pelo de cinderela. Em momento algum utilizou-se um designativo como *corajosas*, para qualificar a ação dessas moças, como nós o fizemos. Isso pode soar como apoio, quando, de fato, é um mero reconhecimento da autonomia a que elas se propõem. Sabemos o quão, perigosos podem se tornar os caminhos que as conduzem ao seu verdadeiro objetivo e desconfiamos que elas não estão tão iludidas quanta a análise do jornalista quer nos fazes crer. A covardia da verdadeira Cinderela, que ludibria o príncipe mostrando o que não é e foge assustada perdendo o sapatinho de cristal quando, à meia noite, o encanto se desfaz, não nos pareça ocorrer às “cinderelas das areias”.

As cinderelas das areias, que utilizam o seu próprio encanto físico e atos deliberados de sedução sexual, revelam com franqueza fatos estarecedores de suas vidas, como estupro incestuoso, prostituição precoce, “modus operandi”, valor da remuneração, recusa em transar de graça com patrões inescrupulosos e desinteressantes, recusa em serem assalariadas mal remun-

neradas, perspectiva de virarem prostitutas na Europa ou de serem espancadas ou escravizadas, sendo isso exatamente o que elas menos querem.

O maior problemas que elas enfrentam, por sinal, é exatamente o fato de quererem se unir com europeus e irem viver na Europa, numa estrutura altamente falocêntrica. A brasileira Silva Strifer, por exemplo, de 24 anos, segundo sua mãe Maria das Dores, “*tinha tudo, mas como é cabeça-dura não se submeteu aos caprichos do marido e agora sofre feito uma danada (...) Ele é ótimo, deu tudo o que temos. Minha filha é que não tem juízo*” (pág. 43). Apesar desse julgamento negativo, Silva trabalha atualmente como faxineira em uma fábrica na Suíça, remete cerca de R\$ 300 por mês para a mãe, garantindo-lhe a sobrevivência, e tenta mudar na justiça daquele país a sentença que lhe retirou os filhos: Eliane Cristina, de um relacionamento com um espanhol, e Hans Peter, já do relacionamento com Hansen, o motorista de caminhão com quem se uniu e “provou” que ela era prostituta e, portanto, segundo a “arejada” justiça Suíça, podendo vê-los uma única vez ao mês. Silvia atualmente nem se empenha em ficar com o menino, já que ele está com o pai, mas a filha, entregue a um casal amigo de Hansen para ser bem educada, ela já trouxe de volta para o Brasil, fingindo estar só a passeio, e a teve literalmente seqüestrada por dois homens armados quando ia para a escola com a mãe, sendo levada de volta para a família Suíça. Nem por isso Silvia se resignou.

Largou outra vez sua atividade de “cinderela” em Recife e voltou para a Suíça atrás da filha, tentando agora obtê-la por meios legais, apesar da ótica jurídica daquele país. Se isso não é amor, coragem e desejo de autonomia, o que seria então?

A Sociobiologia, fundada pelo entomologista Edward O. Wilson, apesar de sua suposição de que o biológico domina o social até hoje, tem agradado a muitas mulheres ao conceber que as fêmeas atuam na formação dos casais ao escolherem os machos com quem desejam se unir e, portanto, interferem a seu favor, segundo a perspectiva da Teoria da Evolução. O mais comum e freqüente até hoje foi ouvirmos os biólogos dizerem que os machos disputam suas “presas”/fêmeas e os vencedores ficam com as que escolheram. A estas caberia apenas o papel de observadoras, como virgens num combate entre guerreiros medievais, cabendo-lhes aceitar a prenda ou o anel de casamento ofertado pelo vencedor, mesmo que fosse o não escolhido por ela. Pois é, aparentemente as fêmeas podem escolher “perdedores”, mesmo entre os animais e por motivos ainda obscuros à nossa, muitas vezes, falocêntrica visão evolucionista.

Pretender, como querem os sociobiólogos, que o biológico explique o social talvez não seja exatamente correto, mas o peso que se dá ao socioeconômico pode também não estar nos levando a uma boa compreensão histórica e contextual. Isto porque o falocentrismo não é um produto necessariamente socioeconômico, como os pesquisadores do porte de W. Reich, pretenderam.

Mesmo conceitos modernos como o de “vitimização” reconhecem que a agressão sexual de cunho nitidamente falocêntrico, independe da classe socioeconômica do agressor ou de sua vítima. O abuso de poder, também conceituado como “síndrome do pequeno poder”, caracteriza-se pela desconsideração do agressor sexual quanto à autonomia ou capacidade de livre arbítrio de sua vítima. Para o agressor, a vítima é um mero objeto de prazer, tal qual uma boneca inflável de uma “sex shop”, uma foto erótica, um animal, ou até, um cadáver. A mesma relação histórica que se deu por centenas de anos entre o homem e a mulher, sustentando o domínio de homens belicosos, que criaram estruturas sociais poderosas, como os reinos e as instituições religiosas, se dá entre o agressor sexual e sua vítima, numa reprodução do chegou a ser tão comum, como o estupro, que, possivelmente, acabou instituído como posição de coito correta, com o homem por cima da mulher. Os teólogos, segundo o que a historiadora Mary del Priore relatou à jornalista J. C. Alves (“Superinteressante”, abril de 1994, pág. 37), *“afirmava que a única posição permitida era com o homem por cima, a mulher por baixo. Afinal, imaginavam, as mulheres “enlouqueciam” em cima dos homens. Alardeava-se também que a posição em que a mulher fica de quatro dava origem a crianças aleijadas”*.

Ao contrário da posição com o homem por cima, frequentemente utilizada pelos estupradores a fim de manterem sua presa sob domínio, a posição com a mulher de quatro, que podemos considerar como natural, devido, entre outras coisas, à sua quase absoluta utilização entre mamíferos, aves, répteis e insetos, ocorre em coitos consensuais e nega, como pensam até hoje muitos pesquisadores, que o ato sexual animal se dê por imposição do macho. Havelock Ellis e o Dr. Fritz Kahn foram dois, entre os mais conhecidos e populares pesquisadores da sexualidade, que imaginavam ser o ato sexual animal um ato violento. Ellis, inclusive, associava isso aos raptos de mulheres, comuns em muitos povos primitivos. Nessa mesma linha de raciocínio caminhou o psicanalista e etnólogo Géza Roheim, para desespero de W Reich, que não se conformou com as interpretações justificatórias de atos sexuais dolorosos entre os Somalis, que costuravam as vaginas das mulheres e lhes provocavam muita dor ao lhes tirarem a dupla virgindade, sendo considerado incapaz o homem que não conseguir realizar tal violência. Roheim pretendeu, com isso, Justificar o que ele considerou como sendo o natural masoquismo das mulheres, bem como igualmente natural sadismo masculino. Nelson Rodrigues, o dramaturgo, deve ter concordado.

A violência sexual, embora não seja em absoluto natural, já faz suas vítimas há muitos anos e não nos parece justo afirmar que ela seja um subproduto do regime capitalista e das distorções provocadas por péssimas distribuições de renda, muitas das quais sustentadas por regimes político, totalitários, pouco afeito às práticas comerciais e as negociações. Ao contrário: O interesse comercial descobriu na sexualidade um produto de forte

apelo para movimentar as vendas e criou condições socioeconômicas geradoras de uma crise sem precedentes no falocentrismo patriarcal, derivando muito mais poder para as mulheres. A prostituição, por exemplo, já se utiliza dos mais modernos meios de comunicação (TV, telefone, jornal, cinema, multimídia) para seu comércio, confirmando sua contemporaneidade, enquanto a violência sexual, tantas vezes considerada contemporânea, vem de um passado remoto, provavelmente, como propôs Reich, dos choques entre as hordas incestuosas primitivas, alterando a conduta sexual natural e consensual, ditada sobretudo por interesses sociobiológicos. Ao desenvolver uma conduta sexo agressiva em direção a mulheres dominadas num confronto com grupos rivais, os guerreiros vencedores estabeleceram a proibição de que os homens de uma horda continuassem a fazer sexo com suas parentes, pois isso passava a ser prerrogativa deles. Criou-se, assim, a primeira forma de casamento, trazendo já embutida a noção de que o homem é um predador sexual (conquistador) e a mulher a sua presa (troféu). Não tardou a que todos os homens passassem a seguir essa conduta, enquanto as mulheres foram afastadas de qualquer possibilidade de escolha, sendo utilizadas como elemento de apaziguamento e barganha nos intermináveis conflitos que geraram mais e mais proibições e controles, todos favoráveis ao fortalecimento do falocentrismo.

A mudança de um patriarcado belicista e autoritário para um comercial e negociador, no qual as mulheres, finalmente vão conseguindo abrir brechas e espaços, vem desancando o falocentrismo que por tantos séculos as oprimiu. Defender ou delimitar um território, um Reino ou um Estado, torna-se progressivamente anacrônico, pois a atual invasão se dá por intermédio de mercadorias, às vezes tão disfarçadas, que duvidamos quando descobrimos serem “produtos estrangeiros”.

A aceitação de historinhas infantis como Cinderela, com seus príncipes e Reinos, bem ao gosto do antigo (em certas regiões) patriarcado, demonstram, no entanto, que a velocidade das mudanças socioeconômicas tem sido muito maior do que o psico-social, visto que as pessoas ainda se encantam com filmes como *Rei Leão*. Educando as meninas como princesinhas e os meninos como destemidos guerreiros intergalácticos, os pais e a sociedade preservam neles atitudes autocratas e falocratas que entram em rota de colisão na adolescência e vida adulta, com a exigência de que se tornem exímios negociadores e mercadores.

Dessa colisão e atordoamento, além das mulheres, outras categorias sexuais também vão se aproveitando. Um exemplo de um costume que foi alterado diz respeito aos homossexuais. O fato da Organização Mundial de Saúde não mais os considerar como doentes mentais fez uma diferença brutal no fortalecimento da sua aceitação como cidadãos autônomos em nossa sociedade, permitindo como já ocorre, que vários serviços comerciais atendam às suas necessidades específicas.



O mesmo ainda não ocorre com os adolescentes. Discutir a gravidez na *adolescência* como um problema já traz em si a falta de autonomia de que eles infelizmente ainda sofrem. O mais correto seria discutir a gravidez *indesejável* e por conseqüência, os métodos contraceptivos o aborto e cada tipo de assistência que se pode dar à mãe, ao pai e ao filho numa situação de rejeição.

A gravidez *desejável* também pode ser objeto de discussão, já que os cientistas avançam nas técnicas que derrubam as impossibilidade biológica decorrentes de infertilidade a menopausa, por exemplo.

Classificar doenças como *sexualmente* transmissíveis é outro costume que embute restrições à prática sexual, afinal de contas ninguém chama de *buco ou aero* são transmitidas pela boca ou pelo ar. Elas são simplesmente doenças infecto-contagiosas. O que as pessoas precisam entender é que do mesmo modo como lavam as mãos, escovam os dentes, trocam de roupa, tomam banho, usam absorvente, calcinha e cueca e limpam o ambiente, elas precisam de relações sexuais higiênicas.

O que precisa ser preservado acima de tudo é a condição do cidadão autônomo de todas as pessoas, de modo mesmo aquelas que atentam contra a autonomia de seus semelhantes possam ter um tratamento jurídico nesses termos, com amplo e irrestrito direito de defesa.

A Ciência, mais do que uma entidade explicadora da realidade, é uma entidade jurídica, uma vez que nenhuma explicação adquire validade científica se não passar por um julgamento onde se demonstre uma relação casual entre o fenômeno e seus determinantes.

Conseqüentemente, ela também precisa possibilitar aos seus analisados um amplo e irrestrito direito de se manifestarem, caso contrário ele não só estará cometendo um erro de julgamento, como também estará se prejudicando do ponto de vista epistemológico. E as situações em que os usos e costumes estão mais presentes são justamente aquelas em que propendem com mais facilidades a erros de julgamento. Cuidar para que tal não ocorra é, pois, mais do que uma garantia de não se estar abusando da autonomia de ninguém, uma necessidade epistemológica.